

Apelo por um humanismo universal

Por ser urgente, nós, as Secretárias-Gerais e Executiva da Francofonia, Commonwealth, Secretaria-Geral Ibero-Americana e Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, decidimos unir as nossas vozes para fazer um apelo à mobilização e à ação a favor de uma globalização da economia justa e sustentável e de uma democracia mundial, solidária e inclusiva, garante dos valores universais e respeitadora da diversidade.

Este é um apelo urgente por um humanismo universal.

As nossas quatro organizações podem dar testemunho do estado do mundo.

A Francofonia é uma organização internacional de 84 Estados e Governos em 5 Continentes. Juntos representamos 1,2 bilhão de pessoas.

Nós na Commonwealth estamos satisfeitos por nos unirmos aos nossos amigos e parceiros da Francofonia, da Organização Ibero-Americana e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa nesta ocasião auspiciosa.

A Commonwealth é uma família de 52 Estados independentes e soberanos, situados em todos os continentes e oceanos, em diferentes estágios de desenvolvimento. Entre os nossos países membros 30 são pequenos Estados, juntos representamos quase 2,5 bilhões de pessoas.

A Conferência Ibero americana é uma comunidade de 22 nações na América Latina, Caribe e Europa, que falam espanhol ou português.

Somos uma comunidade unida em sua diversidade e coesa por meio de seus princípios e valores compartilhados.

Uma comunidade construída pelas pessoas e pelas suas afinidades, produto da história, das migrações, da cultura e das línguas; uma comunidade em paz que aposta no diálogo, no multilateralismo e na cooperação.

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa é uma família de 9 Estados, espalhados por quatro continentes. Juntos representamos quase 300 milhões de pessoas, unidos, pela língua, na diversidade cultural que nos caracteriza.

Juntas, as nossa quatro organizações representam 167 Estados, governos e territórios, onde habitam quatro mil milhões e meio de pessoas, nos cinco continentes, ou seja, 61% da população mundial.

Somos uma amostra da imensa diversidade da comunidade global: entre os nossos Membros contam-se povos indígenas, 30 dos 39 pequenos Estados insulares em vias de desenvolvimento, 37 dos 48 países menos avançados do planeta, vários países emergentes, três países membros do G7, 10 países membros do G20.

Podemos testemunhar os esforços realizados e os progressos alcançados, em particular em matéria de luta contra a pobreza, acesso à educação, luta contra a mortalidade infantil e materna e acesso à água potável.

As nossas organizações contribuem para estes esforços e avanços.

Mas também podemos corroborar os enormes desafios que ainda estão por vencer e as ameaças que temos de enfrentar.

Os nossos países, tal como o resto do mundo, são afetados pelo terrorismo e pela criminalidade transnacional organizada que minam a estabilidade das nossas sociedades e nos colocam perante o desafio de garantir a segurança dos nossos cidadãos, sem sacrificar as suas liberdades.

Estamos todos preocupados com as crises e conflitos que provocam milhões de deslocados e refugiados, fragilizam a democracia, lesam o Estado de Direito e aniquilam os esforços de desenvolvimento.

Estamos todos preocupados com a crescente desigualdade económica que é uma violência e que exclui populações inteiras das vantagens da globalização, do crescimento económico e do progresso tecnológico.

Estamos todos preocupados com as pandemias que continuam a matar quando temos recursos para as prevenir e curar.

Estamos todos preocupados com o aumento do desemprego estrutural e, em particular, com o desemprego jovem que põe em causa as legítimas expectativas de mobilidade social.

Estamos todos preocupados com a degradação ambiental e os efeitos devastadores dos nossos padrões de consumo e produção que alteram irreversivelmente o equilíbrio do planeta e se traduzem em milhões de refugiados climáticos abandonados à sua sorte.

As alterações climáticas representam uma ameaça existencial para muitos dos nossos países e, para fazer frente ao seu impacto, precisamos considerar a relação que nós, humanos, temos com o mundo que nos rodeia, de modo a não sacrificar o desenvolvimento.

O respeito pela dignidade de cada comunidade e de cada pessoa é fundamental e está no centro das nossas preocupações enfrentar a magnitude dos desafios que

se colocam atualmente ao nosso mundo. Isto está no centro da iniciativa da Commonwealth sobre o “Desenvolvimento Regenerativo para Reverter as Alterações Climáticas”.

A construção da sustentabilidade e da resiliência social e económica, inclusive em relação a temperaturas extremas, as pressões financeiras e extremismo violento, exige respeito e compreensão das necessidades de todos os indivíduos, comunidades e nações e da contribuição que podem dar.

O progresso inclusivo e sustentável, sem excluir ninguém, é vital para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento sustentável até 2030.

Estamos todos preocupados.

Já não há desafios locais, tragédias locais ou ameaças locais.

Nenhum país, nenhuma organização internacional está em condições de por si só fazer face aos mesmos.

No entanto, alguns optam por voltar ao protecionismo e ao isolacionismo, e inclusive põem em causa a razão de ser das organizações internacionais e regionais.

Os populismos xenófobos e nacionalistas estão a ganhar terreno.

Vemos ressurgir o extremismo violento, o fundamentalismo religioso e a radicalização violenta.

Os catalisadores da divisão e da rutura proliferam.

É urgente.

Agora mais do que nunca, devemos agir de forma coletiva num mundo à grande velocidade.

O tempo urge.

O ritmo das transformações produzidas pelas novas tecnologias que desconstroem as nossas sociedades é vertiginoso.

Sejamos responsáveis.

Temos de tomar decisões.

Já não temos tempo a perder.

O diagnóstico é claro e as soluções para muitos destes desafios são também claras.

O futuro e o humanismo a que aspiramos exigem mais esforços, mais alianças, mais iniciativas transnacionais, com resultados obrigatórios.

É hora de convencer, de educar e de nos unirmos a favor dos valores que partilhamos: a favor do diálogo e da procura de consensos, a favor do multilateralismo e da diplomacia, a favor da cooperação e das responsabilidades recíprocas, a favor do respeito mútuo e da dignidade de cada ser humano, e a favor da paz e da justiça como condições essenciais para o usufruto de todos os direitos.

Nunca antes a humanidade teve tantas ferramentas para transformar o mundo. Nunca antes tivemos tantas opções ao nosso alcance.

A nossa agenda é tripla: devemos salvaguardar os resultados já alcançados, enfrentar de forma drástica os atuais desafios e antecipar aqueles que o futuro nos reserva.

Não podemos deixar espaço à inação, ao egoísmo, à indiferença ou à irresponsabilidade.

A Carta da Commonwealth reconhece que nesta era de mudanças das circunstâncias económicas e de incertezas, de novos padrões económicos e de comércio, de ameaças sem precedentes à paz e à segurança, e de eclosão de demandas por democracia e direitos humanos e oportunidades económicas alargadas, o potencial e a necessidade de cooperação e de promoção do desenvolvimento nunca foi maior.

A nossa força especial reside na combinação da nossa diversidade e na herança partilhada da língua, cultura e do Estado de Direito; e na nossa união, por meio de tradições e de uma história comum, do respeito por todos os Estados e povos, de valores e princípios partilhados e de preocupação em relação aos vulneráveis.

As nossas quatro Organizações testemunham que somos capazes de ultrapassar tudo o que nos separa, para fazer uso do que nos une.

As nossas populações, para além das fronteiras e oceanos, para além da diversidade das suas expressões culturais, dialogam, cooperam e criam laços privilegiados graças à partilha de valores universais.

Valorizemos o que com tanta paciência tecem os cidadãos, mulheres, jovens, organizações não governamentais, setor privado, setor público, redes institucionais e profissionais, associações de parlamentos, universidades, regiões e cidades.

Pela primeira vez, temos a possibilidade de realizar, com êxito, uma importante mudança de rumo à escala planetária.

Pela sua natureza, o processo de globalização não representa, por si só, riscos ou benefícios, é o que dele fazemos e o que dele fizermos.

Unidos e solidários, ainda podemos mudar o mundo.

Por tudo isto, decidimos fazer um apelo solene.

Este apelo por um humanismo universal reflete valores que pessoas de todas as crenças ou sem crenças podem subscrever e oferece uma base comum para fazer frente à miríade dos desafios que o mundo enfrenta.

Apelamos à renovação do nosso compromisso para com o respeito dos Direitos Humanos, com a promoção efetiva dos direitos políticos, sociais, económicos e culturais, interdependentes e indivisíveis e com a luta permanente contra qualquer forma de discriminação e de preconceito.

Apelamos ao fortalecimento e aprofundamento das instituições democráticas em todo o mundo, para que possam contribuir para o desenvolvimento e a expansão de sociedades inclusivas que ofereçam igualdade de oportunidades a todos e a todas.

Apelamos à promoção da diversidade cultural e linguística e à valorização da contribuição única e singular com que cada cultura e cada língua podem dar para o grande mosaico humano que configura o nosso futuro comum.

Apelamos a que se dê um novo sentido à economia. Promover o bem comum é um bom negócio.

Uma economia que se ajuste às necessidades dos cidadãos, que não só gere lucro, mas também benefícios para a sociedade.

Uma economia na qual os agentes possam colaborar ativamente além-fronteiras, onde as empresas desempenhem o seu papel na procura do bem comum.

Uma economia que valorize a experiência, que incentive a inovação e que seja capaz de aproveitar o talento, onde quer que este surja na sociedade.

Uma economia que privilegie as atividades produtivas em detrimento da especulação.

Uma economia fundada na cultura da ética e da responsabilidade social e intergeracional.

Uma economia que promova o crescimento sustentável e que se preocupe em produzir mais, mas também em distribuir melhor.

A CPLP, no quadro de sua Nova Visão Estratégica, orienta seus Estados Membros para uma aposta na utilização dos recursos naturais e humanos a favor do desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Apelamos a um forte investimento no capital humano constituído pelas mulheres e pelos jovens.

Metade da população mundial é constituída por mulheres, e os jovens nunca foram tão numerosos. Em muitos dos nossos países 60% da população tem menos de 30 anos. Limitar oportunidades para que eles possam realizar o seu potencial é prejudicial para todos nós.

Empoderar mulheres, jovens e grupos vulneráveis ou marginalizados, ao promover seus direitos humanos fundamentais, inclusive o acesso à educação e cuidados de saúde, contribui para trazer estabilidade e prosperidade que podem ser partilhadas por todos.

Sem a mobilização e contribuição de mulheres e jovens, não há mudança, nem crescimento, nem estabilidade, nem desenvolvimento possíveis.

Partindo desta convicção, a Organização Internacional da Francofonia desenvolve um programa ambicioso de promoção do empreendedorismo dos jovens e das mulheres, através da criação e da consolidação de incubadoras e de aceleradores de micro, pequenas, e médias empresas e indústrias, em setores estratégicos e inovadores.

Deixemos de pensar que investir nos projetos das mulheres e dos jovens é arriscado. O risco é não o fazer.

Apelamos a redobrar os esforços e os recursos para garantir uma educação e formação de qualidade para todas e todos, que prepare para o mundo do trabalho, para a vida e para a cidadania.

Insistamos na excelência, compromisso comunitário, novas tecnologias, novas competências, inovação e empreendedorismo, da escola à universidade.

Insistamos também no humanismo que deve estar no centro da educação para promover o desenvolvimento pessoal e o fortalecimento permanente de competências.

Um sistema educativo diminuído cria uma cidadania e um futuro diminuídos.

Como já solicitaram os Chefes de Estado e de Governo da Iberoamérica, apelamos a que sejam tomadas em consideração políticas e regulamentações a favor da mobilidade académica de estudantes, professores e investigadores e de talentos, tão essencial para estas mulheres, homens e jovens empreendedores e criadores, tanto do Norte quanto do Sul.

Uma mobilidade que é essencial para possibilitar a partilha de conhecimentos e competências aumentando a qualidade da educação e das habilidades, estimulando novas ideias e criando oportunidades económicas.

Uma globalização harmoniosa não se pode construir unicamente com base na liberdade de circulação de capitais e de mercadorias.

Apelamos ao desenvolvimento e ao cumprimento de compromissos internacionais e políticas nacionais que garantam a sustentabilidade ambiental do planeta.

Apelamos a uma aliança múltipla, inovadora e integrada.

Em 2015, nas Nações Unidas, os Chefes de Estado e de Governo de todo o mundo adotaram 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, entre eles, revitalizar a Aliança Mundial para o Desenvolvimento.

As nossas quatro Organizações têm sido há muito tempo pioneiras na elaboração de enfoques inovadores e inclusivos para a superação dos desafios contemporâneos, de modo a beneficiar todas as nossas comunidades e suas populações.

Congreguemos e unamos todas as nossas forças e conhecimentos, cruzemos e partilhemos todas as nossas experiências e saberes.

Atrevamo-nos a criar novas sinergias, alianças inesperadas e ainda por explorar: organizações internacionais, setores públicos, setores privados, empresários, investidores, sindicatos, academias e a sociedade civil.

Trabalhemos para quebrar as resistências e os tabus para, por fim, avançar rumo aos investimentos e aos financiamentos inovadores.

Apelamos à aplicação de uma nova abordagem na cooperação internacional.

Mudemos radicalmente de mentalidade para sair da relação doador-beneficiário.

Passemos para um modo de cooperação baseado na reciprocidade e numa aliança que se traduza em benefícios para todos.

Iniciemos projetos que respondam em primeiro lugar aos interesses dos países e das populações, e não só à visão dos que os implementam.

Desenvolvamos cada vez mais a cooperação Sul-Sul e tripartida.

Apelamos aos Estados e aos Governos a que vejam para além dos seus interesses particulares e a comprometerem-se, com coragem, a favor de um multilateralismo renovado, ambicioso, inclusivo e respeitador da legalidade internacional.

Pedimos, em nome do bem comum e do interesse geral, que ponham termo à concorrência contraproducente e antiquada entre o bilateral e o multilateral.

Pedimos que promovam a concertação e a coordenação na gestão da ajuda ao desenvolvimento.

Pedimos que, nas suas estratégias de cooperação, tenham mais em consideração a diversidade dos contextos nacionais, que reforcem a previsibilidade da ajuda, a perenidade das transferências e a capacidade de resposta do financiamento para conseguir um maior impacto tanto a curto quanto a longo prazo.

Pedimos que coloquem à disposição das organizações internacionais, atores multilaterais por excelência, os recursos financeiros necessários para o cumprimento das suas missões.

A partir de hoje, somos todas e todos responsáveis tanto pelos fracassos quanto pelos êxitos que transformarão o nosso planeta, para o bem ou para mal.

É urgente. O tempo urge. Amanhã será tarde demais.

Estamos motivadas e mobilizadas em torno de um compromisso comum de empreender ações concretas baseadas nos princípios do consenso e da ação comum, do respeito mútuo, da inclusão, da transparência, da prestação de contas, da legitimidade e capacidade de resposta.

Então, unamo-nos!

Comprometamo-nos! Passemos das palavras aos atos!

Recordemos que o curto e médio prazo começam ao mesmo tempo. Esse momento é agora.

Tomemos as decisões corretas por um humanismo universal.

Apelo subscrito por:



Secretaría General
Iberoamericana
Secretaria-Geral
Ibero-Americana



Michaëlle Jean, Secretária-Geral da Francofonia; Patricia Scotland, Secretária-Geral da Commonwealth; Rebeca Grynspan, Secretária-Geral da Secretaria-Geral Ibero-Americana; Maria do Carmo Silveira, Secretária Executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Montreal, Canadá, Junho 14 de 2017